

ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA: SIGNIFICADOS PARA PRATICANTES DIVULGADORES¹

Recebido em: 13/07/2009

Aceito em: 25/01/2010

*Newton Norio Nabeta
Cinthia Lopes da Silva*

Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP
Piracicaba – SP – Brasil

RESUMO: Problemas ambientais, como poluição e modificação de áreas naturais, são conseqüências da crescente busca por lazer na natureza caracterizado pelas atividades de aventura ao ar livre. Perspectivas de ações que reduzem esses problemas conceberam os seguintes objetivos: apontar vivências de atividades de aventura que promovam ações de mínimo impacto ambiental; e identificar processos de aprendizagem de novos valores resultantes em mudanças comportamentais e relações mais sustentáveis entre o ser humano e o ambiente natural, por meio dessas atividades na natureza. Trata-se de uma discussão eminentemente qualitativa que combina pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Os resultados se caracterizam na identificação de discursos de praticantes divulgadores, alinhados com os objetivos propostos. Esse trabalho faz contraponto à visão de lazer como bem de consumo e contribui para a revisão de sentidos e valores.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de Lazer. Meio Ambiente. Natureza.

OUTDOOR ADVENTURE ACTIVITIES: THE MEANINGS BY PRACTITIONERS/DIVULGERS

ABSTRACT: Environmental problems, like pollution and natural areas modification, are consequences of the growing searching for leisure identified by outdoor adventure activities. Perspectives of actions that reduce these problems conceived the following objectives: to appoint adventure activities experiences, promoters of environmental minimal impact actions; and to identify new virtues learning processes, resulting in behavior changes and more sustainable relationships between human being and nature thereby these activities in the environment. It is about a discussion based on viewpoints of qualify, arranged in bibliographic and field researches. The results are identified by the outdoor adventure activities practitioners/divulgers' speeches, in agree with the

¹ Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada "Lazer e meio ambiente: significados das atividades de aventura para praticantes", orientada pela Profa. Dra. Cinthia Lopes da Silva e co-orientada pela Profa. Dra. Tânia Mara Vieira Sampaio, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade Metodista de Piracicaba – Curso de Mestrado em Educação Física no ano de 2009.

proposed objectives. This research contradicts the conception of leisure as consumption good and it contributes with a review of senses and virtues.

KEYWORDS: Leisure Activities. Environment. Nature.

INTRODUÇÃO

A crescente busca por lazer em ambiente natural, caracterizado por diversas atividades de aventura ao ar livre, causa preocupação em relação a procedimentos adotados por muitos de seus adeptos. Considera-se, entre as preocupações, a redução dessa vertente do lazer em bem de consumo e o uso indiscriminado da natureza, que acaba por provocar impactos ambientais profundos.

Em incursões na natureza, seja em atividades de curta duração, seja em expedições que duram dias, nos deparamos com áreas cada vez mais degradadas por seus visitantes. Adeptos de atividades de aventura, quando concebem e praticam suas atividades de lazer de forma a atender exclusivamente seus prazeres e desejos pessoais, ingressam no ambiente natural de forma predatória, causando impactos ambientais às áreas visitadas.

Serão apontadas perspectivas da realização de atividades de aventura que considerem suas implicações ambientais e promovam ações, se não de recuperação direta, de mínimo impacto, que resultem em uma convivência mais sustentável entre o adepto de atividades de aventura e o meio ambiente.

Para tanto, torna-se necessário compreender a prática do lazer sob a forma de atividades de aventura ao ar livre e discutir interfaces do fenômeno no contexto atual,

identificando ações e motivações expressas por seus praticantes divulgadores², articuladas a reflexões de estudiosos do tema.

Uma de nossas indagações é se podemos, a partir de prováveis registros de termos e expressões correntes no meio e difundidos pela mídia³ (adrenalina, radical, liberdade, válvula de escape, entre outras), interpretar que atitudes de seus praticantes são fundadas prioritariamente em entendimentos que remetem a um fator compensatório do lazer, na fuga das dificuldades e insatisfações vividas na rotina do cotidiano urbano.

Outro questionamento é se ocorre um processo de sensibilização e aprendizagem de novos valores, por meio dessas atividades ao ar livre e de maneira desejada e pré-planejada, que resultem em ações e relações mais harmônicas e sustentáveis do ser humano consigo mesmo, com o meio e demais seres vivos. Entendemos ser importante identificar em quais perspectivas as atividades de aventura são promovidas e vivenciadas e se mudanças comportamentais são geradas no indivíduo a partir dessa (con)vivência.

Responder a essas perguntas tornou-se a base de nosso objetivo: compreender a prática do lazer sob a forma de atividades de aventura ao ar livre no contexto atual, analisando tanto o trabalho de pesquisadores do tema como a atividade desenvolvida por praticantes divulgadores de atividades de aventura na natureza; identificar algumas implicações ambientais resultantes dessa prática e quais seriam seus reflexos no cotidiano das pessoas envolvidas.

² Por praticantes divulgadores, nesta pesquisa, entende-se como sendo pessoas envolvidas tanto na prática de atividades de aventura ao ar livre, bem como, no processo de orientação e coordenação de atividades para grupos interessados na vivência desta perspectiva.

³ Termos como, por exemplo, adrenalina e válvula de escape, se apresentarão ao longo desse trabalho com sentido conotativo, ou seja, em entendimentos que remetem a idéias e associações, como, por exemplo, as idéias de aventura e de emoção e associações com o risco e/ou com a liberdade.

REVISÃO DE LITERATURA

1. Lazer e educação em ambiente natural

O entendimento da atividade de aventura ao ar livre nesse trabalho insere-o como conteúdo do lazer. Dessa forma, antes de qualquer outra ponderação, devemos visualizar o tema lazer em uma perspectiva atual concisa e que se alinhe a esse trabalho.

Magnani (2002) observa que o lazer “a despeito de estar presente, de uma forma ou de outra, na vida de todos, ainda é pouco valorizado como objeto de reflexão”:

O lazer, justamente pelo fato de ser um tema tão familiar, termina sendo alvo de considerações que raramente ultrapassam o senso comum, numa perspectiva na maioria das vezes meramente consumista (MAGNANI, 2002, prefácio).

Reflexões sobre o lazer devem ser conduzidas para o seu entendimento como algo merecedor de atenção, seriedade e preparo.

O lazer é uma esfera da vivência fundamental e um direito inalienável, que pode promover a dignidade humana e os desenvolvimentos pessoal e social. Segundo Marcellino (2002), esse desenvolvimento é uma das importantes contribuições do lazer (juntamente com o descanso e o divertimento). Porém, não lhe é dada relevância devida, talvez pelo entendimento do aspecto desenvolvimento inerente ao lazer ser pouco divulgado e vivenciado, em comparação com os demais. Ou, talvez, por ser muito abrangente, dando margem a inúmeras interpretações. Afinal, que desenvolvimento é esse que estamos abordando?

Trata-se do desenvolvimento pessoal e social que o lazer enseja. No teatro, no turismo, na festa, etc., estão presentes oportunidades privilegiadas, porque espontâneas, de tomada de contato, percepção e reflexão sobre as pessoas e as realidades nas quais estão inseridas [...] (MARCELLINO, 2002, p. 14).

As atividades de aventura ao ar livre podem ser vistas como propostas de lazer

na perspectiva do desenvolvimento, visando contribuir para a formação de um ser humano integral, crítico e criativo, consciente “[...] de sua responsabilidade para com o meio que o cerca” (DUMAZEDIER, 1980, p. 24), capaz de participar intelectual e culturalmente da vida em grupo, num acampamento, no bairro, no país, no planeta, vivenciando e gerando valores questionadores da ordem social vigente, de modo a promover mudanças na sociedade como um todo.

A lógica de desenvolvimento desenfreado e de consumo exacerbado domina as atitudes do ser humano. O lazer, longe de ser “uma tábua de salvação” [...], pode contribuir para uma inversão de tais valores. Alguns valores vividos no lazer podem vir a transformar as atitudes adotadas na vida de cada um, e na vida da sociedade (BAHIA, 2005, p. 40).

O lazer apresentado por Bahia (2005), em contraposição aos valores do sistema produtivo atual, leva, naturalmente, a se pensar em educação; e em processos ensino-aprendizagem realizados de forma fruída e prazerosa (Marcellino, 2003) e que busquem não o controle, mas a emancipação do indivíduo.

Nas palavras de Sampaio (2006), esta é uma educação que se dá por meio da vivência consciente do lazer, compreendendo outros valores que não sejam os de mercado e rompendo com a lógica hegemônica.

Dumazedier (1980, p. 19) considera o lazer como:

Conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Nesta afirmação, o mesmo autor retoma as três possibilidades do lazer: divertimento, descanso e desenvolvimento. Esse último é definido por Dumazedier (1980) como fator de formação do indivíduo de forma desinteressada.

Marcellino (2002) reforça tal possibilidade do lazer, dizendo que devemos levar

em conta que, se o conteúdo das atividades de lazer pode ser educativo, também a forma como são desenvolvidas abre possibilidades pedagógicas muito grandes.

Desse modo, as atividades de aventura ao ar livre podem constituir-se, repetindo Marcellino (2002), nessas possibilidades pedagógicas muito grandes de educação pelo e para o lazer, e entre outros fatores, pelo caráter de experiência vivida e catalisadora de relações concretas e afetuosas, entre o indivíduo e o meio, que tais atividades propiciam.

As abordagens de lazer aqui adotadas podem abranger uma série de atividades como sendo conteúdos para sua execução. Para fins de análise, adotamos a divisão proposta por Dumazedier (1980) e complementada por Camargo (1992) e Schwartz (2003).

Dumazedier (1980) distingue os conteúdos de acordo com as áreas de interesse. Os conteúdos culturais do lazer são divididos em cinco áreas de interesse: manuais (marcados pela capacidade de manipulação, seja para transformar objetos ou materiais, seja para lidar com o meio ambiente natural); intelectuais (a busca de novas informações reais, objetivas e racionais); sociais (buscam-se relacionamentos e contato com outras pessoas); artísticos (marcados pelas diferentes manifestações artísticas, baseadas no imaginário, nas emoções e nos sentimentos); e os físico-esportivos (onde ocorre prevalência de movimentos ou exercícios físicos).

Camargo (1992) e Schwartz (2003) acrescentam a esses cinco conteúdos mais dois, respectivamente: o conteúdo turístico e o conteúdo virtual.

Dumazedier (1980) avança o turismo como possibilidade de lazer, porém, sem desenvolvê-lo como um conteúdo cultural, fato realizado por Camargo (1992). O conteúdo turístico é caracterizado pela quebra da rotina, pela busca de novas paisagens e de novos conhecimentos.

Schwartz (2003) expõe o conteúdo virtual, gerado a partir dos avanços tecnológicos e das novas práticas propiciadas pela adesão ao ambiente virtual, com suas especificidades.

Não cabe aqui postular em qual conteúdo as atividades de aventura ao ar livre se enquadram, visto que mesmo que em determinada atividade de lazer ocorra predominância de um conteúdo de interesse sobre os outros, esses não devem ser separados e sim, trabalhados de forma integrada, pois se encontram interligados.

Marcellino (2003) defende que o ideal é que cada indivíduo conheça as atividades de lazer que satisfaçam seus interesses e que, no seu tempo disponível, vivencie atividades que façam parte de todos os grupos de interesse, exercitando o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual e o relacionamento social, quando, onde, com quem e da maneira que quiser.

Assim, o autor propõe o lazer “[...] como cultura compreendida no seu sentido mais amplo, vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível”, e afirma que:

O importante, como traço definidor, é o caráter desinteressado dessa vivência, não se buscando, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 2003, p. 31).

Também Villaverde (2003) lembra que não devemos perder de vista que a experiência do lazer diz respeito a uma experiência humana de grande complexidade, sendo marcada pela fruição subjetiva, lúdica e intencional no mundo. Define a expressão tempo conquistado como mais apropriada porque associa:

[...] a experiência do lazer à vivência, produção e reelaboração de cultura, num espaço-tempo conquistado pelos sujeitos às imposições da vida no mundo, visando a humanidade mais plena, especialmente em suas expressões de liberdade e ludicidade (VILLAVERDE, 2003, p. 55).

Os conceitos mencionados são adequados para a finalidade deste trabalho, uma

vez que, a partir desses entendimentos, é possível compreender o lazer em toda sua dimensão e significado sociocultural, compreendendo-o como um direito social adquirido e do qual surgem valores questionadores da sociedade como um todo e sobre o qual são exercidas influências da e na estrutura social vigente.

Essa qualidade inerente ao lazer propõe o repúdio às abordagens funcionalistas, tais como a moralista, a utilitarista e a compensatória (Marcellino, 2002) e que sofrem grande incidência na sociedade e no lazer como atividades na natureza.

Pimentel (2003) alerta que, no segmento turístico, por exemplo, o consumo alienado de seus produtos, concebidos como válvula de escape da violência, do tédio, da falta de referências, do isolamento e do individualismo exacerbado, tende a reproduzir a alienação quanto a esses e outros aspectos dos quais se tenta fugir nas viagens. Dessa forma, o autor sugere uma educação para o turismo que passe pelo conhecimento sobre a natureza e para a convivência na natureza.

Consideramos o lazer na natureza como um tempo privilegiado para a vivência de valores que, potencialmente, podem vir a educar indivíduos, criando pessoas questionadoras da ordem social estabelecida e contribuindo para mudanças morais e culturais necessárias para o surgimento de, dentre outras, novas condutas ambientais.

Werneck, Stoppa e Isayama (2001) acreditam “na possibilidade de resistir e modificar as regras do jogo, buscando vivências de lazer mais significativas e comprometidas com a mudança da nossa sociedade”. Seguem os autores, afirmando que:

O lazer não se restringe ao consumo alienado, proporcionado pelas oportunidades que padronizam gostos e preferências, que tratam os sujeitos como se fossem meros objetos desprovidos de histórias de vida particulares e que ignoram as questões culturais, políticas e sociais mais amplas que nos constituem (WERNECK; STOPPA; ISAYAMA, 2001, p. 104).

Ações ambientais vinculadas ao lazer, qualquer que seja seu conteúdo, são, contrariamente a atitudes conformistas, formas de resistência críticas e criativas (MARCELLINO, 2003) as quais procuramos dentro das atividades de aventura ao ar livre.

As atividades de aventura ao ar livre podem ser desenvolvidas como oportunos processos educacionais que se realizam nos momentos de lazer, mas é importante verificarmos que, para tal, há a necessidade de reflexão sobre a concepção de educação que está na base desse processo e, a partir daí, moldarmos sua relação com as atividades de lazer e meio ambiente natural.

Educação assistemática e prazerosa, efetuada por livre arbítrio pelo indivíduo e que o atinge e modifica num processo contínuo e sem fim, são características possíveis das atividades ao ar livre como lazer.

Porém, Marcellino (2003, p. 50) atenta para o fato de que “para a prática das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais [...]”. Tais pressupostos criados, por sua vez, e ainda seguindo com o autor, possibilitam “[...] superar o conformismo pela criticidade e pela criatividade”.

A percepção do crescimento da busca pela prática de atividades físicas na natureza desde o século XIX, numa perspectiva de vivência de um lazer mais próximo à natureza (RYBCZYNSKI, 2000) permite afirmar que as atividades de aventura ao ar livre, como todas as atividades de lazer, são práticas passíveis, tanto de um reforço da atual crise ser humano/meio ambiente, quanto de apropriado tempo/espço para atitudes de contestação e ressignificação. As atividades de aventura ao ar livre, dessa forma, podem facilitar práticas educacionais e ainda incitar novas perspectivas para o entendimento da educação.

Torna-se imprescindível catalisar elementos motivadores para que o conceito de educação não fique restrito apenas à transmissão de conhecimentos, mas aliado a este propósito, que ela possa ser, também, motivo de reconhecimento (SCHWARTZ, 2004, p. 34).

A natureza se apresenta como espaço privilegiado para ação educativa e essa é, conforme Schwartz (2004), uma via capaz de aprimorar o envolvimento emocional da criança e do adulto, pela facilitação do processo expressivo, catalisador motivacional de mudanças de atitudes e condutas.

Comparativamente à relação lazer/educação, o envolvimento emocional como facilitador de processos educacionais favorece também um duplo processo (MARCELLINO, 2003, p. 59), dessa vez entre educação e natureza. A educação na e pela natureza ou ao ar livre é rica em experiências emotivas (aventura, risco, medo, superação), que geram mudanças no indivíduo (autonomia e emancipação). E, na educação sobre a natureza (ou ambiental), há uma busca de informação e compreensão sobre o meio ambiente e que, também, almeja sua preservação. Os dois desenvolvimentos desse duplo processo educativo se desencadeiam simultânea e interdependentemente.

Esse trabalho defende uma educação na e pela natureza, que venha a sobrepujar imposições do sistema dominante vigente, que se fortalece ao gerar sociedades numerosas, fragmentadas e apegadas ao consumo impensado e condutas individualizantes essencialmente competitivas. A natureza perde muito com isso. E, não nos esqueçamos: também somos natureza.

E sendo natureza, defende-se, também, uma educação contrária a imposições, porém sensível, porque o ser humano “[...] só consegue preservar as idéias que são úteis e significativas de alguma forma, como aquelas que possuem caráter lúdico e afetivo, as quais estimulam a incorporação da natureza como parte de si próprio” (SCHWARTZ,

2001, p. 53).

Marinho vislumbra uma nova realidade por meio do “[...] estar na e com a natureza, nos dias atuais, conforme novos códigos e comportamentos [...]” alinhados aos defendidos por esse trabalho, e com os quais “[...] se busca construir uma nova realidade, desistindo da lógica dominante das coisas, arriscando um ritmo menos veloz, tornando-se criativo e contribuindo para a construção de uma outra história” (MARINHO, 2004, p. 6).

Os dizeres da autora corroboram com a defesa do lazer em ambiente natural como meio propício e oportuno, além de privilegiado, para o aprendizado de formas renovadoras de convívio do ser humano com o planeta. Formas renovadoras que rompam e que desistam da lógica dominante das coisas, nas palavras de Sampaio (2006). Apoiados nessas afirmações, nós entendemos que, para lidar com as questões ambientais, devemos vivenciar o mundo de uma forma diferente do imposto pela lógica vigente.

2. Atividades de aventura ao ar livre: aulas em ambiente natural

A procura pelas atividades de aventura ao ar livre, mesmo como propostas de cunho educativo, ainda possui um viés de lazer a satisfazer desejos pontuais, como consumo rápido de fim-de-semana a compensar a insatisfação e a alienação do trabalho e de outras esferas de atuação humana (MARCELLINO, 2002). Rybczynski (2000, p. 24) nos exemplifica o fato quando afirma possuir:

[...] muitos conhecidos que parecem considerar as atividades de fim-de-semana mais importantes do que as cotidianas e agem como se a semana fosse apenas uma irritante interferência nas suas verdadeiras vidas, longe das obrigações.

Apesar da crescente atenção dada às questões ambientais poder ser relacionada e ter incentivado as visitas à natureza, outro aspecto que pesquisadores suscitam, ao

discorrer sobre essas incursões, é que muitos empreendedores, turistas e atletas que adentram o meio natural, o fazem ainda despreparados, agindo sem a mínima responsabilidade ambiental.

Atividades inseridas como propostas de consumo pressionam a natureza, como exemplifica Marinho (2003, p. 21), ao citar as corridas de aventura, quando seus praticantes “[...] reduzem o ambiente natural a um cenário teatral [...]”.

Serrano (2000, p. 18) coloca o fato de que a busca do equilíbrio entre a prática e impactos causados por praticantes de atividades em áreas naturais deve considerar o modo de agir de uma sociedade, de nossa sociedade:

Se a mediação do mercado para o ecoturismo e a educação ambiental pode ser vista como algo que invalida os esforços na constituição de uma conduta ‘ambientalmente correta’, por parte de seus praticantes, é impossível negar que não há um modo de se estar no mundo hoje que dispense algum grau de consumo – mais ou menos impactante.

Ainda nos dizeres de Serrano (2000, p. 17), “procurar a natureza para lazer, descanso e relaxamento [...], não deve servir para que esqueçamos o humano que marca nosso cotidiano, mas para que reflitamos sobre ele”.

Dessa forma, para se evitar a completa separação ser humano/natureza, torna-se importante o reencontro com o ambiente natural e conosco mesmos. Esse reencontro, nos dizeres de Schwartz (2002, p. 161), “[...] que permite uma íntima exploração da própria pessoa, da situação e das vivências, com a perspectiva de interiorização posterior dessas sensações no cotidiano”.

Delineiam-se formas extremas de visitas à natureza. Kinker (2002) sugere que imaginemos uma linha contínua, na qual em um extremo está a pouca responsabilidade do visitante em relação ao meio ambiente natural. Nesse ponto, qualquer tipo de turismo causará grande impacto. No outro extremo, o visitante tem uma grande responsabilidade para com o meio ambiente, respeitando a natureza e aprendendo com as culturas diferentes

da sua. Nesse ponto, é gerado impacto mínimo e o esforço para a conservação do ambiente.

Mascarenhas (2003, p. 92) especifica essa linha de atitudes extremas dentro das atividades de aventura ao ar livre quando sugere, de forma ampla, classificar seus adeptos, ou, em suas palavras, os ecoturistas esportivos, em dois blocos: os que privilegiam a aventura e/ou a competição esportiva, e aqueles que priorizam o contato profundo e respeitoso com a natureza.

Entendendo Kinker (2002) e Mascarenhas (2003), podemos visualizar perspectivas diversas e conflitantes entre os visitantes de áreas naturais, que se distinguem pelo grau de interação desses com a natureza. Visitas que possuem viés compensatório (MARCELLINO, 2002), se baseiam na reprodução, em ambiente natural, da cultura de consumo e modismos criados em meio urbano, enquanto visitas com interesses mais integrativos valorizam a conservação da natureza e procuram se conduzir por ações de mínimo impacto ambiental, aprendidas em novas experimentações sensoriais e sentimentais com o meio e consigo próprio.

Inseridas nesse contexto, das visitas à natureza com interesses integrativos, a caminhada, o excursionismo, o ciclismo, o montanhismo e a escalada, a canoagem, o mergulho e toda a sorte de atividade de aventura ao ar livre próximas, antecessoras ou derivadas e correlacionadas a essas, são experiências ativas de lazer, lúdicas e de sensibilização, que favorecem e exacerbam a curiosidade, a aproximação natural, a criatividade, a sensibilidade e a afetividade (SCHWARTZ, 2001), agregando um forte caráter emocional à relação.

Educadores e adeptos das atividades ao ar livre, ao redor do mundo, acreditando nas possibilidades do aprendizado ao ar livre, estruturadas na experiência vivida pelo

indivíduo junto ao meio natural, delinearão programas, propostas de intervenção. Citamos como exemplos, a educação pela aventura⁴ (*adventure education*), educação experiencial (*experiential education*), a educação pelo ambiente natural⁵ (*wilderness education*) e a educação ao ar livre (*outdoor education*). No exterior, ao contrário de escasso material acadêmico disponível no Brasil, em países como o Reino Unido e a Nova Zelândia, essas propostas já fazem parte tanto em programas de cunho educativo quanto como objetos de pesquisa e análise de vários autores (HATTIE et al, 1997; NEILL; RICHARDS, 1998; LITTLE; PETERSON, 1985; STEVENS; RICHARDS, 1992; FORD, 1986; BONIFACE e BUNYAN, 1999).

Antes de avançar nos conteúdos interessantes a esse trabalho, e lembrando o duplo processo educação/natureza, é necessário notar que essas propostas de intervenção não podem ser confundidas com a educação ambiental, pelas primeiras se tratarem, fundamentalmente, de educação por meio da natureza e não, como defende a educação ambiental, de educação sobre a natureza.

Apoiados nos conceitos de Barros (2000, p. 98), esses programas têm em comum a metodologia experiencial de aprendizado, na qual são proporcionadas vivências onde os indivíduos constroem conhecimentos, aprendem técnicas e adquirem valores por meio da experiência direta. A educação experiencial, também freqüentemente citada como aprender fazendo, é uma teoria pedagógica que reconhece o valor da experiência como a base do aprendizado.

Marinho (2004, p. 6) constata o fato de que muitas pessoas que visitam a “natureza na tentativa de se aventurar [...], de contemplar ou de fazer algo que ainda não descobriram o que é, podem encontrar em simples experimentações, oportunidades

⁴ Tradução livre.

⁵ Tradução livre.

transformadoras”.

Barros (2000, p. 90), por fim, conceitua que “*outdoor education* ou educação ao ar livre é uma prática educacional que utiliza como recursos educativos desafios encontrados em ambientes naturais” e que almeja o desenvolvimento educacional do ser humano “impelindo-o a situações de aventura de modo que ele possa confrontar aspectos de si mesmo, os quais ele possivelmente não conhecia” (BARROS, 2000, p. 90).

A educação ao ar livre, caracterizada pelas vivências das atividades de aventura como experiências sensíveis e sensoriais a desenvolver novas percepções de mundo, podem potencialmente gerar novas condutas e valores. Conforme Bahia (2005, p. 40), “longe de ser uma tábua de salvação, as atividades de lazer na natureza podem vir a transformar as atitudes adotadas na vida de cada um e na vida da sociedade”. Também, Marinho (2003) reconhece aqui a riqueza no desenvolvimento de tais atividades, como possibilidades de extrapolação da mera visita consumista e, muitas vezes, alienada nesses ambientes, possibilitando uma vivência representativa em termos de mudanças de valores e comportamentos que tangenciam a relação humana com a natureza.

Embora citações de autores e pesquisadores aventarem a possibilidade do aprendizado de novas relações entre o ser humano e o ambiente natural, a realidade que se apresenta em áreas destinadas à conservação da natureza indica que esse aprendizado tem urgência em sua realização, por meio das mais diversificadas formas possíveis.

3. Condutas de mínimo impacto em ambiente natural

Compactação e erosão do solo pela sobrecarga de trilhas; mudanças de hábitos da fauna silvestre; contaminação da água de rios por dejetos humanos; e até mesmo vandalismo (pichações em grutas e cavernas, por exemplo), são alguns dos inúmeros

impactos que ocorrem em visitas inconseqüentes às áreas naturais.

Para reverter esse quadro, iniciativas adotaram programas de educação para as práticas de mínimo impacto, partindo do princípio de que, recebendo informações pertinentes, de modo adequado, o visitante estará disposto a mudar suas práticas e hábitos em suas incursões à natureza (BARROS; DINES, 2000).

Entre as iniciativas de divulgação de técnicas de mínimo impacto, duas são atraentes, não somente pelo sucesso e abrangência, mas também porque seus fundamentos se alinham a um dos objetivos desse trabalho, que é o de buscar ações ambientais nas atividades de aventura ao ar livre. Primeiramente, fundado nos EUA, temos o *Leave No Trace* (LNT)⁶ e, no Brasil, temos o Pega Leve! (PEGA LEVE!, 2008, s/n).

Esses programas e seus similares, antecessores ou deles decorrentes, possuem históricos semelhantes: são iniciativas desenvolvidas e divulgadas em forma de campanhas ao grande público por grupos preocupados com as causas ambientais, como escoteiros, biólogos e ecólogos, montanhistas, espeleólogos e excursionistas.

O Pega Leve!, por exemplo, é um programa criado pelo Centro Excursionista Universitário (CEU), associação sem fins lucrativos fundada em 1970, na Universidade de São Paulo. Os técnicos envolvidos nessa campanha realizaram um levantamento abrangente sobre códigos de conduta para atividades em ambientes naturais, em modalidades como a caminhada, a escalada, a exploração de cavernas e outras atividades de lazer ao ar livre. A divulgação desses códigos objetiva a sensibilização dos visitantes para a conservação dos ambientes naturais (PEGA LEVE!, 2008, s/n):

Essa campanha brasileira, assim como similares internacionais, procura difundir

⁶ Tradução livre: Não deixe rastros. Disponível em: <http://www.lnt.org/>

princípios e práticas de mínimo impacto em área natural:

- Planejamento é fundamental;
- Você é responsável por sua segurança;
- Cuide dos locais por onde passa, das trilhas e dos acampamentos;
- Traga seu lixo de volta;
- Deixe cada coisa em seu lugar;
- Evite fazer fogueiras;
- Respeite os animais e as plantas;
- Seja cortês com outros visitantes e com a população local

O exemplo da campanha do Pega Leve! demonstra que as atividades de aventura ao ar livre associadas a um programa eficiente de educação para a prática e a ética de mínimo impacto, representam uma das melhores oportunidades para a educação ambiental em contextos informais (BARROS; DINES, 2000).

Os programas de conscientização e ensino de condutas de mínimo impacto nas atividades em ambiente natural, que propagam suas idéias, basicamente, por meio de folhetos que são entregues aos excursionistas antes de suas atividades, e o relativo sucesso na adoção dessas idéias, podem indicar que visitas a natureza não necessitam, obrigatoriamente, serem assistidas, monitoradas ou, em outra perspectiva, indicam que diferentes e diversificados meios de conscientização podem e devem ser colocados em prática para a superação da realidade.

Evidencia-se que, mais importante que vigiar as ações do visitante da natureza, é o seu próprio estímulo pessoal para a apreensão dessas novas condutas e para o

convívio mais salutar com o ambiente visitado, divulgados por programas de mínimo impacto e projetos educacionais na natureza.

Porém, o praticante motivado, predisposto a receber informações para o início de vivências mais profundas com a natureza tem suas chances de obter sucesso sensivelmente aumentadas, caso possa ser auxiliado, instruído (e não vigiado) por adeptos experientes, para a apreensão dessas novas condutas e na prática de renovados modos de convívio com o ambiente natural.

4. Imersão na natureza

Antecipando os resultados da análise dos significados das atividades de aventura para praticantes divulgadores, levantamos a suspeita de que visitas esporádicas, breves e superficiais ao ambiente natural, mesmo com objetivos educacionais e amparadas por adeptos experientes, são pouco eficientes para engendrar reordenações de valores que embasam as ações dos praticantes de atividades de aventura.

A experiência significativa pode estar diretamente relacionada com o aparecimento de algumas prerrogativas, necessárias, então, para que novas percepções se apresentem e se consolidem. O conjunto dessas prerrogativas é a imersão na natureza.

Define-se imersão na natureza (aproveitando o contexto metafórico utilizado pela ecologia profunda), a circunstância adequada de vivências de atividades assistidas por praticantes divulgadores e baseadas em elementos como a frequência, o tempo de duração, o estímulo individual e a intensidade (NABETA, 2009, p. 51).

Assim, quando esses elementos – frequência, longa duração, intensidade e estímulo individual – são identificados nas atividades de aventura ao ar livre, elas se apresentam como potenciais oportunidades capazes de transformar as percepções do

sujeito praticante para a concepção do contato ambientalmente mais coerente e para uma ressignificação do lazer por meio das atividades de aventura ao ar livre.

O surgimento desses elementos nas vivências do lazer, ou seja, uma legítima imersão na natureza mostra-se necessária a mudanças de percepção e condutas e capazes de prover o surgimento do que vislumbramos como um novo ser humano:

[...] 'experto' nos conhecimentos, formais ou experimentais, versado nas ciências naturais, do inerte e do vivo, à parte das ciências sociais de verdades mais críticas que orgânicas e de informação banal e não rara, preferindo as ações aos relatórios, a experiência humana às enquetes e aos dossiês, viajante por natureza e socialmente [...] enfim, sobretudo ardente de amor para com a Terra e a humanidade (SERRES, 1991, p. 109).

No final desse (longo) percurso, a natureza (conosco a ela reatados, enfim) é a grande ganhadora.

PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia possui caráter qualitativo, combinando pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo (SEVERINO, 2000).

A pesquisa bibliográfica foi realizada nos sistemas de bibliotecas da UNIMEP, UNESP e UNICAMP (livros, periódicos, artigos, teses, dissertações, anais de seminários, congressos e encontros, e em *websites* acadêmicos da *Internet*, entre outros) e utilizando, tanto em língua portuguesa como inglesa, temas-chave como: atividade de aventura, atividade de aventura ao ar livre, esporte de aventura, educação ao ar livre, lazer e meio ambiente. Após o levantamento das obras relevantes ao estudo, realizamos as análises textual, interpretativa e crítica (SEVERINO, 2000) para, num segundo momento, de posse dessas análises, estabelecer diálogos com os dados da pesquisa de campo.

A pesquisa de campo foi estruturada na técnica de elaboração e análise de unidades de significado, de autoria de Moreira, Simões e Porto (2005). A técnica percorre os seguintes momentos: relato ingênuo, identificação de atitudes e interpretação.

Com o objetivo de coletar, elaborar e analisar unidades de significado das vivências das atividades de aventura ao ar livre, o universo da pesquisa de campo, formado por indivíduos com larga vivência nas atividades de aventura ao ar livre no Brasil, respondeu a três perguntas geradoras:

- I. O que você entende por atividade de aventura ao ar livre?
- II. Fale sobre sua relação com as atividades de aventura ao ar livre.
- III. Quais os reflexos desta prática em sua vida cotidiana?

Nosso interesse em seus depoimentos, e em registrar detalhadamente suas vivências e seus significados, resultou numa especial atenção dada à explicação da proposta da pesquisa e ao tempo disponibilizado para que os sujeitos organizassem seus pensamentos, antes de emitirem suas respostas.

O universo da pesquisa de campo foi do tipo não-probabilístico intencional, por competência e experiência (RUDIO, 1997). Formado por indivíduos adultos, praticantes divulgadores de ambos os sexos, com formação interdisciplinar e com larga experiência nas atividades de aventura ao ar livre e cujas ações e esforços em prol e por meio dessas atividades de aventura são reconhecidos e lhes conferem papel de destaque dentro do meio. Pela acessibilidade e representatividade, o universo de pesquisa contou com praticantes que residem e/ou atuam no Estado de São Paulo.

A pesquisa obteve a participação total de onze sujeitos, sendo três do gênero feminino e oito do masculino. Os participantes estavam, no período da coleta de dados,

numa faixa etária entre 28 e 50 anos de idade. Todos os onze sujeitos concluíram o ensino superior e seis possuíam, além disso, também pós-graduação em alguma área correlata às atividades de aventura ao ar livre.

As entrevistas foram gravadas e registradas digitalmente (gravador de voz digital Panasonic RR-US450) e transcritas sem alterações de ordem ortográfica ou de concordância. Foram escolhidos praticantes divulgadores do tipo não-probabilístico intencional (isto é, os sujeitos foram previamente selecionados e convidados a participar da pesquisa) por critérios de representatividade e acessibilidade (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977). Dessa forma, repetimos, a pesquisa teve abrangência de municípios do Estado de São Paulo, onde residem e/ ou trabalham os sujeitos participantes. Os contatos iniciais e recrutamento foram efetuados por meio de convites pessoais, por telefonemas, contatos por correio eletrônico e mensagens instantâneas pela *Internet*.

Os locais de coleta de dados foram escolhidos pelos sujeitos participantes, não lhes conferindo despesas com locomoção ou qualquer outra despesa. Foi necessário o aceite na participação da pesquisa e, para isso, foi utilizado termo de consentimento livre e esclarecido, apresentado antes do início da entrevista. Os sujeitos participantes tomaram ciência: dos objetivos do trabalho e, se assim quisessem, poderiam suspender suas participações a qualquer momento; que os resultados para a pesquisa acadêmica seriam tornados públicos na dissertação de mestrado e que os dados pessoais seriam guardados em sigilo; entre outras garantias constantes por escrito no termo de consentimento livre e esclarecido, os quais asseguram a privacidade dos sujeitos envolvidos.

ANÁLISE DOS SIGNIFICADOS DAS ATIVIDADES DE AVENTURA PARA PRATICANTES DIVULGADORES

Uma das indagações precursoras desse trabalho é se a interpretação de atitudes de praticantes das atividades de aventura se fundamenta prioritariamente em entendimentos que remetem a uma característica compensatória (MARCELLINO, 2002) ou amenizadora (SCHWARTZ, 2002) do lazer, na fuga das dificuldades e insatisfações vividas na rotina do cotidiano urbano, a partir de prováveis registros de expressões correntes no meio e difundidas pela mídia, como adrenalina, radical, liberdade, válvula de escape, entre outros.

Já na identificação de termos comuns e no início da interpretação dos depoimentos, o conjunto de significados relembra a metáfora proposta por Kinker (2002): a linha contínua na qual em seus extremos encontram-se diferentes condutas em meio natural.

Em um extremo da linha, encontra-se a pouca responsabilidade do visitante em relação ao meio ambiente natural e que, dessa maneira, causa grande impacto ambiental. Esse tipo de visitação pode ser reflexo de incursões esporádicas efetuadas por sujeitos, não necessariamente iniciantes, mas cujas vivências, com periodicidade irregular, baseiam-se no consumo de atividades de breve duração (por exemplo: um rapel ou uma tirolesa que duram, em média, um período do dia) e mediadas, em sua maioria, por agentes comerciais. A crescente procura por incursões à natureza, seguindo esses moldes, pode estar diretamente relacionada e deve sofrer influência da também crescente divulgação das atividades de aventura pela mídia. Salienta-se que esse grupo não é foco desse trabalho.

No outro extremo da linha metafórica de Kinker (2002), encontra-se o visitante que age com responsabilidade para com a natureza, se esforçando para sua conservação e

gerando impacto ambiental mínimo. Esse extremo, com base nos relatos colhidos, delimita o perfil de nosso universo de pesquisa, os praticantes divulgadores de atividades de aventura ao ar livre.

Talvez já indicando que seriam identificadas visões diferenciadas dos sujeitos entrevistados, formado por experientes praticantes de atividades de aventura, de maneira contrária ao inicialmente previsto, expressões como adrenalina, radical, entre outras, não encontraram espaço expressivo dentro de seus depoimentos. Quando porventura algum sujeito utilizava algum desses termos, não objetivava expressar suas visões sobre as atividades de aventura ou a suas vivências (ou caracterizar o grupo de praticantes divulgadores).

Se a compensação da rotina urbana deixa de ser fundamental fator motivador para a vivência das atividades de aventura pelos praticantes divulgadores, outros elementos, intimamente ligados ao valor educativo, como já exposto, são atraentes a esses sujeitos. Interpretando os relatos, esse grupo prioriza, entre outras vivências:

O contato mais consistente e constante com o ambiente natural [...] inclusive, para promover atitudes que beneficiem a preservação do ambiente, fator preponderante para o equilíbrio existencial de todas as espécies (SCHWARTZ, 2002, p. 150).

Em diálogo com a autora, toma-se, por exemplo, o Sujeito 1, que confirma que o “*contato mais consistente e constante*” lhe propiciou o “*despertar*” para uma relação mais estreita e equilibrada com os seres vivos. Entendemos esse “*despertar*” como uma nova percepção:

Antes de conhecer os esportes de aventura não tinha quase nenhum contato com a natureza. [...] foi por meio deles que meu interesse pela natureza foi despertado. A partir daí fui buscar outros tipos de atividades que me levassem a estreitar meus laços com os outros seres vivos.

Praticantes divulgadores optam por minimizar os riscos inerentes as suas

atividades de maneira planejada, consciente e racionalmente, por conhecerem a real dimensão desses riscos, por meio de seus cálculos (SPINK, 2001). A minimização de riscos ocorre pela assimilação e aprimoramento de procedimentos e atitudes, técnicas e equipamentos utilizados em suas vivências no meio ambiente natural. Esses elementos devem seguir a premissa do mínimo impacto ambiental, para que condutas de segurança não conflitem com condutas conservacionistas.

Porém, apesar de praticantes divulgadores salientarem um cenário no qual quanto mais atividades vivenciam, proporcionalmente também uma crescente responsabilidade ambiental lhes acomete (ou, é aprendida) e que influencia e direciona suas condutas e atitudes em ambiente natural, não fica claro se, ao mesmo tempo em que essa nova perspectiva é criada, outras acabam por desaparecer. Veja o depoimento do Sujeito 8 quando perguntado sobre os reflexos das atividades de aventura ao ar livre em sua vida cotidiana:

[...] (sinto) uma certa inquietação em morar na cidade grande. Uma vontade de sair que só arrefece quando estou ao ar livre e que volta mais forte quando estou na companhia de pessoas que possuem a mesma inquietação e que compartilham do mesmo olhar (grifo e adendo nossos).

Esse trecho de relato pode ser indício de que esse sujeito, entre outros fins, ainda recorre às atividades de aventura ao ar livre (também) como oportunidade a compensar ou amenizar sua “*inquietação em morar na cidade grande*”, ou seja, aproveitando termo difundido no meio, como válvula de escape. Essa constatação cria precedente e dúvidas quanto a possíveis conflitos entre relatos e procedimentos de nossos integrantes do universo de pesquisa, os praticantes divulgadores, e deve instigar novas e aprofundadas observações e pesquisas no tema.

Outra passagem semelhante e que amplia nossas suspeitas quanto às condutas de praticantes divulgadores, ou, pelo menos, quanto à coerência entre seus valores e suas

atitudes, vem do Sujeito 6, ao falar sobre o conjunto de atividades de aventura ao ar livre afirma que:

Serve como desabafo, serve como comemoração, serve para passar momentos a só, serve para eu me socializar. Com certeza contribui para minha saúde, para meu humor, criatividade, disposição e inspiração (grifo nosso).

Esse sujeito, obstante o fato de ter todo o tempo desejado para formular suas idéias antes de expô-las, se utilizou bastante do verbo servir para definir sua relação com as atividades na natureza. O entendimento do Sujeito 6, da natureza como algo servil, é constante como visão da ecologia rasa, causa estranheza e não condiz com o discurso geral do conjunto de relatos coletados com praticantes divulgadores.

Ao interpretar esses últimos depoimentos e, somando a isso, a identificação de tipificações antagônicas em torno do elemento risco, que ora suscita a abstração da realidade, ora a reflexão sobre a mesma, levanta-se a suspeita de que o caráter compensatório do lazer caracterizado nas atividades de aventura ao ar livre não se anula quando vivenciado por praticantes divulgadores.

A busca pela amenização da rotina urbana, familiar em discursos e condutas de praticantes recentes atraídos pela divulgação da mídia comercial, parece (como pôde ser anteriormente interpretado) não desaparecer por completo como perspectiva dentro das atividades em ambiente natural, mas apenas perder importância dentro das vivências, em detrimento de novas percepções, novos conhecimentos e novas responsabilidades adquiridos.

Assim sendo, quanto mais os sujeitos se envolvem na e com a natureza e adquirem vivências sensíveis, mais dão atenção, prioridade e valorização para condutas que não somente minimizam o caráter compensatório ou o risco, mas que ambientalmente causem menos impactos.

O Sujeito 5 corrobora nessa suposição em relato de suas próprias mudanças de percepção:

No início, era parte de uma procura pessoal, mas envolvia um grupo de amigos que acrescentava mais adrenalina às experiências, ainda que desde o início tivéssemos cuidado e preocupação com segurança e impacto no ambiente. O caráter de aventura foi aos poucos substituído por um caráter de contemplação e apreciação, ainda que muitas vezes, exigindo níveis mais técnicos.

Aqui ocorre a única aparição do termo adrenalina (em sentido conotativo e utilizado em substituição à palavra emoção) no conjunto de depoimentos coletados. Esse termo mais a palavra aventura, exaustivamente alardeados pela mídia, são utilizados pelo Sujeito 5 para dar significado e justificar suas primeiras vivências na natureza, ou seja, como elemento motivacional inicial para suas incursões em ambientes naturais.

Dando seqüência à interpretação de seu relato, o Sujeito 5, conforme suspeita, faz entender que sua busca inicial por vivências emocionantes (suscitadas pelo termo adrenalina) foi substituída pela busca de outros interesses, conforme suas vivências se ampliavam conjuntamente com suas técnicas.

Porém, mudanças de percepção não ocorrem espontaneamente dentro das atividades de aventura. É necessário o direcionamento, a educação e a divulgação dos valores ambientalmente corretos ou a vivência de imersão na natureza.

O mesmo sujeito entende os praticantes esporádicos ou o grupo de indivíduos que é atraído pelas atividades de aventura ao ar livre, na atualidade, como:

[...] quem busca uma alternativa para o lazer, escape ou crescimento interior, mas que nem sempre tem a informação ou a educação necessária para fazer isso sem causar impacto ao meio, às outras pessoas e a si mesmo. [...] Vemos que o turista que migra da praia para a montanha e, assumindo, sem qualquer critério científico, que a maioria das atividades de aventura está no ambiente não-praieiro, nem sempre é educado para o novo cenário, mais frágil e perigoso (Sujeito 5).

O relato desse sujeito sugere que muitos dos novos adeptos de atividades de aventura e, inclusive, como aconteceu com ele próprio, iniciam suas incursões e atividades na natureza, atraídos essencialmente por elementos a essas atividades correlacionadas (pela mídia e incutidos no senso comum) como a aventura, o risco, a emoção exacerbada, a quebra da rotina, entre outros.

O Sujeito 5 segue afirmando que o praticante que define como sem informação ou sem acesso à educação para o ambiente, ou seja, aquele sem auxílio para sobrepujar o nível conformista (MARCELLINO, 2003) de interação com o ambiente natural, acaba por se manter estagnado em suas percepções e valores, consumindo vivências esporádicas e buscando apenas satisfazer desejos pessoais, agindo sem minimização de riscos ou de impactos ambientais causados pela sua presença na área visitada. Mantém-se no extremo da ausência de consciência e responsabilidade ambientais, lembrando a linha de Kinker (2002).

Em contrapartida, não apenas com o amparo de estudiosos, mas, também, com a interpretação dos depoimentos de praticantes divulgadores, há o entendimento de que quando novos adeptos são auxiliados em suas vivências, as atividades ao ar livre se transformam em adequadas vivências de sensibilização e aprendizagem de novas percepções e condutas, em imersões na natureza, em cujas vivências, potencialmente, o sujeito pode sobrepujar o nível conformista de consciência e adentrar os níveis crítico e criativo (MARCELLINO, 2003).

A imersão na natureza é proposta a qual, nas palavras do Sujeito 1:

[...] Transforma a vida das pessoas, amplia a percepção em relação aos outros seres, facilita a reflexão sobre o papel de cada um perante as questões ambientais e conceitos como coerência, ética, afetividade e equidade se tornam cada vez mais claros.

Nesse trecho de seu depoimento, esse sujeito enumera valores adquiridos em

imersões na natureza muito próximos às mudanças percebidas pelo naturalista e educador Cornell (1996, p. 4):

Nunca subestimei o valor desses momentos de contato e comunhão com a natureza. [...] percebi que podemos desenvolver uma profunda conscientização até adquirirmos um entendimento vital e verdadeiro do lugar que ocupamos neste mundo.

O surgimento de um praticante mais perceptivo, reflexivo e crítico através da vivência de contatos profundos não é o único fenômeno constatado. Talvez diretamente influenciado por essas mesmas qualidades, o praticante de atividade de aventura que vivencia imersões na natureza e, tendo como referência tanto os dados coletados quanto os perfis de nossos entrevistados, também é acometido pela necessidade de divulgar as atividades ao ar livre e levar outros indivíduos à natureza e dividir com esses suas vivências intensas e profundas em ambiente natural.

Praticantes que acumulam vivências intensas são ávidos em compartilhar suas experiências as quais influenciam para mudanças comportamentais e de valores e condutas. Os praticantes se tornam promotores de educação por meio e para a natureza. Seja como instrutores de atividade de aventura, educadores ambientais, guias turísticos ou qualquer outra denominação próxima a essas. Todos os onze sujeitos participantes desse trabalho corroboram esse fenômeno.

O surgimento espontâneo de um querer divulgar e compartilhar vivências é exemplificado pelo Sujeito 5 quando esse relata que: *“a partir de um certo momento, um desejo de compartilhar e inspirar outros me levou à instrução”*. Assim também sinaliza os demais depoimentos de nossos entrevistados. A identificação desse fenômeno nos mostrou ser acertada a decisão de definir o universo de pesquisa como praticantes divulgadores.

O Sujeito 1, ao entender a necessidade de amparar as vivências de novos

praticantes, apresenta um indício dos motivos do querer divulgar por parte de seus praticantes mais experientes:

*Penso que somente a prática [...] não é suficiente para criar um laço profundo e sincero (entre o praticante) com o meio natural. Na minha opinião, isso acontece porque a maioria das empresas que oferecem este tipo de atividade e mesmo as pessoas que conduzem, utilizam a natureza como **cenário** e não como parte integrante. Você acaba praticando [...] na natureza e não com ela, não há uma interação profunda ou uma preocupação em incluí-la nas atividades (grifo nosso).*

O discurso sugere que praticantes divulgadores, conforme adquirem consciência de que é possível uma relação ser humano/natureza calcada no convívio igualitário entre ambos⁷, se sentem responsáveis pelo compartilhar dessa relação e pelo repúdio e crítica a relações de submissão do meio ambiente.

Por ocasião da menção da utilização e redução da natureza como cenário para a prática das atividades de aventura, citamos o Sujeito 9, que define as atividades ao ar livre como: “*atividades praticadas em meio à natureza... céu, florestas, montanhas, cidades, rios, mares, lagoas... que tem como objetivo transpor obstáculos naturais criados por ela mesma*”.

Essa afirmação corrobora a crítica do Sujeito 1, quando denuncia que somente a prática não é suficiente para criar profundas relações ser humano/ambiente natural, resultantes da imersão na natureza.

O trecho de relato do Sujeito 9, que considera os ambientes naturais como “*obstáculos*”, faz lembrar também da crítica de Mendonça (2000, p. 137), que afirma que vivências que utilizam o meio natural apenas como cenário são apenas reflexos de condutas em meio urbano: [...] os olhares são rápidos, consumidores de paisagens e não interativos; a relação de dominação se expande, o lixo se espalha e o descompromisso

⁷ Afinal, somos um só.

com os lugares e culturas visitados também se amplia.

Portanto, vivências que não consideram suas implicações ambientais perpetuam a submissão da natureza e sua redução a mero cenário para o consumo das atividades de aventura, numa relação dialética.

Assim como alguns outros depoimentos registrados, o relato do Sujeito 9, contrasta e o coloca em oposição à maioria dos significados coletados e interpretados, ou seja, seu conteúdo não pode ser entendido como significado comum ao grupo pesquisado, de praticantes divulgadores, dentro da análise proposta.

Mais uma vez, a presença de afirmações contrárias aos significados comuns pode motivar o início de futuras pesquisas e de diferentes análises interpretativas e o avançar do entendimento do fenômeno lazer caracterizado pelas atividades de aventura ao ar livre no Brasil.

Encontrar exemplos de praticantes de atividades de aventura ao ar livre que buscam relacionamentos com a natureza em prol de sua conservação e o surgimento espontâneo de uma percepção de que os valores aprendidos nas vivências ao ar livre devem ser divididos e perpetuados, nos aproxima positivamente do nosso questionamento maior: Ocorre de maneira desejada e pré-planejada, e por intermédio do lazer nas atividades de aventura ao ar livre, um processo de sensibilização e aprendizagem de novos valores que resultem em mudanças de conduta? Em ações e relações mais harmônicas e sustentáveis do ser humano consigo mesmo, com o meio e demais seres vivos?

Trechos de discursos nos falam, por exemplo, em um “*despertar do interesse pela natureza*” e um “*estreitar de laços com os outros seres vivos*” (Sujeito 1), em concordância com Marinho (2006, p. 47), autora que entende as atividades em contato

com a natureza como uma nova possibilidade de lazer que permite:

[...] que as experiências na relação corpo-natureza (ou ser humano/natureza) expressem uma tentativa de reconhecimento do meio ambiente e dos parceiros envolvidos, expressando, ainda um reconhecimento dos seres humanos como parte desse meio (adendo nosso).

Num depoimento prático, o Sujeito 3 enumera alguns ensinamentos aprendidos na vivência das atividades na natureza, que também vão ao encontro da citação de Marinho (2006). Esse sujeito enumera algumas mudanças de percepção, mudanças de conduta e mudanças comportamentais:

(São) muitos (os) reflexos (das vivências das atividades de aventura ao ar livre em minha vida), alguns certamente não percebidos por mim. Entre os percebidos e as aprendizagens, poderia inferir: melhor tolerância a alguns desconfortos da vida; capacidade de colocar em perspectiva situações que tendem a estreitar a visão; [...] aprendi muito sobre história natural e sou um melhor apreciador da natureza, mesmo em ambientes urbanos; aprendi a olhar para cima e ver o céu; [...] aprendi muito sobre minhas qualidades e meus defeitos [...]; basicamente minha história pessoal está profundamente relacionada às atividades ao ar livre (adendo nosso).

Assim como o Sujeito 3, o Sujeito 8 também lembra de alguns ensinamentos aprendidos e colocados em prática mesmo fora do ambiente natural, ou seja, nas cidades: *“Muitos são os reflexos (das atividades de aventura ao ar livre em minha vida): mudança na maneira de gerir o lixo; apreciar o meio; olhar para as pessoas; enfrentar desafios”.*

O Sujeito 4:

Acredito que ampliação da zona de conforto é o reflexo imediato e mais visível (de minha vivência das atividades de aventura ao ar livre) [...]. Isso significa que baixei meu nível de ansiedade quanto às necessidades da vida civilizada e consumista. Sim, há outros reflexos além deste: maior consciência ambiental que levam a atitudes ecologicamente corretas, diferente percepção da paisagem, interesse por assuntos diversificados além da minha formação pessoal. O reflexo principal que percebo em educandos [...] é a percepção da paisagem diferente da paisagem urbana. Depois disso, vem a consciência sobre a responsabilidade de seus atos, tanto para com a natureza quanto para consigo mesmo (adendo nosso).

Nas palavras do Sujeito 11, as atividades de aventura ao ar livre possuem forte caráter educativo: *“Acredito que atividades dessa natureza praticadas ao ar livre [...] encurtam os caminhos para o mais amplo aprendizado para uma convivência social e ambiental saudáveis”*.

Da mesma maneira que o Sujeito 11, os dizeres do Sujeito 7 evidenciam o caráter educacional vinculado às atividades na natureza. Esse sujeito discorre sobre a necessidade do auxílio a novos praticantes para o aprendizado de novas condutas tanto na natureza como em ambiente urbano:

[...] tento transmitir esse gosto pelas atividades ao ar livre e a ética de praticá-las ou planejá-las sempre com vistas ao mínimo impacto, princípio fundamental ao Programa Pega Leve! [...]. Na minha vida, além de tentar separar o lixo e reciclá-lo [...] atualmente eu levo os meus filhos às trilhas e canoadas sempre que possível.

O Sujeito 10 enfatiza como a vivência das atividades de aventura ao ar livre podem potencialmente transformar o indivíduo: *“a natureza e a prática de atividades ao ar livre são parte integrante da minha vida e influenciam desde onde eu moro até meus valores morais”*.

O Sujeito 5 também demonstra expressivas mudanças proporcionadas pelas atividades de aventura ao ar livre, mudanças perceptivas que influenciaram todo o seu modo de viver. Esse depoimento é caro à pesquisa, no que diz respeito à nossa busca por relatos de processos de sensibilização e aprendizagem de novos valores que resultem em mudanças comportamentais, em ações e relações mais harmônicas e sustentáveis do ser humano consigo mesmo, com o meio e demais seres vivos por meio do lazer nas atividades de aventura ao ar livre:

(A vivência das atividades de aventura ao ar livre) gerou uma transformação radical em meu estilo e projeto de vida, permitindo uma re-conexão com valores mais fundamentais, como família, saúde, solidariedade, criatividade, versatilidade, liberdade, etc., substituindo a acumulação material pelo desapego; do consumismo pela

valorização da simplicidade; da ambição desmedida pelo foco em projetos sustentáveis. Motivou-me a desfazer de um empreendimento bem sucedido [...] e investir num projeto sustentável num município pobre da Bahia, abrindo mão de um bom conforto material em troca de um enorme conforto espiritual (Sujeito 5) (adendo nosso).

Esse depoimento, somado ao contexto geral dos discursos coletados, sugere que as vivências proporcionadas pelo lazer nas atividades de aventura ao ar livre podem sensibilizar adeptos para mudanças de modo de vida, para a construção de uma nova realidade, de uma nova história (MARINHO, 2004), sensibilizar para a compreensão e adoção de outros valores que não sejam os de mercado e que rompam com a lógica hegemônica (SAMPAIO, 2006).

Embora mais pesquisas e interpretações dos significados das vivências das atividades de aventura ao ar livre sejam necessárias para uma maior compreensão do fenômeno, criar ao crescente número de adeptos de atividades de aventura, oportunidades de experiências na natureza ao lado de praticantes divulgadores (que levam em consideração o estímulo pessoal, a frequência e a duração, e a intensidade em suas vivências), torna-se alternativa adequada para a realização de reais imersões na natureza e para uma ressignificação do fenômeno atividade de aventura ao ar livre.

Resultado do diálogo entre estudiosos do tema e praticantes divulgadores, em torno dos significados das vivências das atividades de aventura ao ar livre, é possível entendê-las como propostas a superar a crise de percepção, quando:

- ocorrem não influenciadas por aspectos modistas e/ou consumistas amparados por imposições mercadológicas amplamente divulgadas pela mídia, mas como lazer prazeroso e efetuado por livre escolha;
- o fenômeno deixa de ser somente uma compensação ou uma amenização da rotina urbana e se torna vivência significativa cujos ensinamentos aprendidos e apreendidos são referenciais para um melhor relacionamento indivíduo/ sociedade/meio

ambiente (natural ou não)/ demais seres vivos.

- identificadas como reais possibilidades educacionais, de desenvolvimento humano, de maneira desejada e pré-planejada, por meio de experiências e sensações possíveis e atraentes no lazer ao ar livre;
- o praticante segue crítica e conscientemente princípios e condutas de mínimo impacto e agregando novas percepções e sensibilidades;
- criadoras de uma relação ser humano/natureza calcada na afetividade;
- estímulos espontâneos à apreensão de novos valores de igualdade e não-submissão da natureza;
- geradoras de transcendência humana e ambiental.

Por meio da realização das atividades de aventura ao ar livre, embasadas e sustentadas por esses parâmetros, em atividades de imersão na natureza, então potencializadas por e propiciadoras de sentimentos e o afloramento de sensibilidades, são vivenciadas experiências com significados marcantes.

Nesse contexto de arrebatamento causado pelo contato e convívio diretos com outros seres vivos e em ambientes naturais, são criados no sujeito o respeito, o fascínio, o afeto e o amor, a si próprio, aos nossos semelhantes (ou nem tanto) e ao nosso mundo (NABETA, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ações ambientais vinculadas às atividades de aventura ao ar livre são possibilitadas quando há predisposição do visitante do ambiente natural a aprender e contribuir com a conservação da natureza e quando são delineadas estratégias a promover vivências que agreguem responsabilidade ambiental.

A realidade apresentada por estudiosos da área demonstra que ainda ocorre o

desperdício de oportunidades para o desencadeamento desses novos valores. Muitas possibilidades de atividades em curso na natureza ainda possuem, em seus cerne, objetivos indiferentes à conservação de ambientes protegidos.

Somado a esse perfil atual de indiferença, há uma gestão dificultosa das áreas protegidas nacionais, tanto pelo poder público como por usuários, sejam entidades civis ou turistas esporádicos, influenciados pela divulgação, por parte da mídia, de uma natureza reduzida a cenário, para o lazer compensatório/amenizador da rotina urbana. Nesse contexto, as atividades de aventura ao ar livre parecem não se encaixar como ações ambientais, ou seja, não propiciam benefícios evidentes à natureza quando de suas execuções e sempre causarão impactos, por mínimos que possam ser.

Porém, mesmo dentro dessa realidade, identificam-se propostas, como programas de mínimo impacto ambiental e programas educacionais na e com a natureza, que, mesmo não beneficiando o meio ambiente num primeiro momento, propiciam o desenvolvimento individual do praticante de atividades ao ar livre em vivências de contato direto.

Praticantes divulgadores, por meio de seus discursos, e em concordância com o vislumbrado por estudiosos do tema, demonstram que mudanças de percepções, de condutas e de valores podem ocorrer, quando da vivência de experiências profundas em atividades de aventura e amparadas por adeptos mais experientes, ou seja, em imersões na natureza.

Temas como programas de educação em ambientes naturais, embora em expansão como prática no Brasil, ainda possuem pouca atenção do meio acadêmico, e, bem estudadas e desenvolvidas, podem servir de base metodológica para a elaboração de futuras intervenções educacionais e de lazer.

Esse trabalho apresentou propostas em curso e esboçou caminhos para futuras pesquisas e observações por parte dos estudiosos do lazer e das atividades de aventura e meio ambiente, na crença de que o aprendizado de novos valores e mudanças perceptivas, propiciados pela experiência do lazer na e com a natureza, extrapolam as condutas em ambiente natural, e se refletem em todo o contexto vivencial do indivíduo e recriam a relação harmônica ser humano/natureza há tanto tempo despercebida.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Mirleide Chaar. **Lazer – meio ambiente:** em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. 2005. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.
- BARROS, Maria Isabel Amando de. Outdoor Education: uma alternativa para a educação ambiental através do turismo de aventura. In: SERRANO, Célia (Org). **A educação pelas pedras:** ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos, 2000. (85-110)
- BARROS, Maria Isabel Amando de; DINES, Milton. Mínimo impacto em áreas naturais: uma mudança de atitude. In: SERRANO, Célia (Org). **A educação pelas pedras:** ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos, 2000. p.47-84.
- BONIFACE, Maggie; BUNYAN, Peter. **Outdoor and adventurous activities in undergraduate physical education teacher education at Chichester Institute.** U.K., Education Resources Information Center - ERIC, 1999. Disponível em: <www.eric.ed.gov>. Acesso em: 6 out. 2008.
- BRUYNE, Paul, HERMAN, Jacques, SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- CAMARGO, Luiz Otávio. **O que é lazer.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CORNELL, Joseph. **Brincar e aprender com a natureza:** guia de atividades infantis para pais e monitores. São Paulo: Melhoramentos, 1996.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Planejamento de lazer no Brasil:** a teoria sociológica da decisão. Tradução Regina Maria Vieira. São Paulo: SESC, 1980.

FORD, Phyllis. **Outdoor education: definition and philosophy.** EUA., 03/ 1986. ERIC – Education Resources Information Center. Disponível em: <<http://eric.ed.gov>>. Acesso em: 1 fev. 2006.

HATTIE, J. et al. Adventure education and Outward Bound: out-of-class experiences that have a lasting effect. **Review of Education Research**, v. 67, p. 43-87, 1997.

KINKER, Sônia. **Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais.** Campinas: Papirus, 2002.

LITTLE, Mickey; PETERSON, Lin. **Planning a class camping trip.** E.U.A., Education Resources Information Center - ERIC, 02/ 1985. Disponível em: <www.eric.ed.gov>. Acesso em: 6 out. 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Prefácio. In: MARCELLINO, Nelson C. **Estudos do lazer: uma introdução.** 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução.** 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. **Lazer e educação.** 10. ed. Campinas: Papirus, 2003.

MARINHO, Alcyane. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidades de resistência. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (Org.) **Turismo, lazer e natureza.** Barueri: Manole, 2003.

_____. Atividades de aventura na natureza e algumas relações com o ambientalismo. In: SCHWARTZ, Gisele Maria (Org.). **Aventuras na natureza: consolidando significados.** Jundiaí: Fontoura, 2006.

_____. **O lúdico e a natureza.** 2004. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT15/alcyane_marinho.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2008.

MASCARENHAS, Gilmar. A leviana territorialidade dos esportes de aventura: um desafio à gestão do ecoturismo. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (Org.) **Turismo, lazer e natureza.** Barueri: Manole, 2003.

MENDONÇA, Rita. A experiência na natureza segundo Joseph Cornell. In: SERRANO, Célia (Org.) **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental.** São Paulo: Chronos, 2000.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; PORTO, Eline. Técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento.** v. 13, n. 4, p. 107-114, Out./ Dez. 2005.

NABETA, Newton Norio. **Mudanças pela afetividade:** lazer e educação nas atividades físico-esportivas em unidades de conservação. 2006. 49f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

_____. **Lazer e meio ambiente:** significados das atividades de aventura para praticantes. 2009. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009.

NEILL, James T; RICHARDS, Garry E. Does outdoor education really work? A summary of recent meta-analyses. **Australian Journal of Outdoor Education** – v. 3 n.1 1998. ERIC – Education Resources Information Center. Disponível em: <<http://eric.ed.gov>>. Acesso em: 1fev. 2006.

PEGA LEVE! **Ética e prática.** Disponível em: <<http://www.pegaleve.org.br/>>. Acesso em: 2 ago 2008.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Lazer e natureza no turismo rural. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (Org.) **Turismo, lazer e natureza.** Barueri: Manole, 2003.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** Petrópolis: Vozes, 1997.

RYBCZYNSKI, Witold. **Esperando o fim de semana.** Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Educação física, lazer e meio ambiente: desafios da relação ser humano e ecossistema. In: DE MARCO, Ademir (Org.) **Educação física:** cultura e sociedade. Campinas: Papyrus, 2006.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O corpo sensível como espaço ecológico. **Motus corporis,** Rio de Janeiro, v. 08, n. 02, p. 49-54, 2001.

_____. Emoção, aventura e risco – a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, Miria Suzana; PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães (Org.). **Lazer e estilo de vida.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

_____. **O conteúdo virtual do lazer:** contemporizando Dumazedier. *Licere,* Belo Horizonte, v. 2, n. 6, p. 23-31, 2003.

_____. (Org.) **Educação física no ensino superior:** atividades recreativas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

SERRANO, Célia. A educação pelas pedras: uma introdução. In: SERRANO, Célia (Org). **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000.

SERRES, Michel. **O Contrato Natural**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed., São Paulo: Cortez, 2000.

SPINK, Mary Jane P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.17, n. 6, p. 1277-1311, nov-dez, 2001.

STEVENS, Peggy Walker; RICHARDS, Anthony. **Changing schools through experiential education**. E.U.A., Education Resources Information Center - ERIC, 03/1992. Disponível em <www.eric.ed.gov>. Acesso em: 6 out. 2008.

VILLAYERDE, Sandoval. Refletindo sobre lazer/ turismo na natureza, ética e relações de amizade. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (Org.) **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003.

WERNECK, Christianne Luce Gomes; STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer e Mercado**. Campinas: Papirus, 2001.

Endereço dos Autores:

Newton Norio Nabeta
Rua Bruno Obrownick, 613
Altos de Ipeúna, Ipeúna – SP
CEP: 13.537-000
Endereço Eletrônico: nnnabeta@yahoo.com.br

Cinthia Lopes da Silva
Av. Júlio de Mesquita, 590, apartamento 92.
Cambuí, Campinas/SP.
CEP: 13025-907
Endereço Eletrônico: cinthiasilva@uol.com.br